

TIPOS DE CONHECIMENTO

Profª Ms. Mara Cynthia

São distintos quatro tipos de conhecimento: o conhecimento popular ou senso comum, o conhecimento religioso, o conhecimento filosófico e o conhecimento científico.

Não existe um conhecimento que seja melhor do que outro; eles são diferentes, com características próprias e bem específicas. Cada um deles, dentro de seu escopo, possui o mesmo objetivo: responder às nossas dúvidas atuais e criar novas dúvidas.

Apesar do conhecimento científico ser o mais sistematizado, podemos afirmar com certeza que a ciência não é o único caminho que leva à verdade.

1. CONHECIMENTO POPULAR OU SENSO COMUM

É um conhecimento que existe desde a época dos homens das cavernas. É um conhecimento passado de geração em geração, e que, de certa forma, deu origem a todos os outros tipos de conhecimento. A grande maioria dos fatos do nosso cotidiano atual tiveram origem no senso comum, e muitas vezes, por mero acaso.

A época certa de se semear e colher determinados tipos de cereais é também um exemplo de conhecimento muito antigo, que foi passado de geração em geração. Muitos camponeses de nossos dias, mesmo iletrados e desprovidos de outros conhecimentos, sabem o momento certo da semeadura, a época da colheita, a necessidade da utilização de adubos e os tipos de solos adequados para diferentes culturas.

O conhecimento matemático, astronômico e médico dos antigos egípcios era notável, e naquela época não havia ainda uma ciência formalizada.

Todos esses conhecimentos, quando devidamente comprovados, foram sistematizados e apropriados pela ciência. Entretanto, existem certas práticas derivadas do conhecimento popular que foram passadas de geração em geração, mas que não possuem respaldo científico. As superstições: não comer mangas à noite e nem misturá-las com leite; não deixar o noivo

ver sua amada vestida de noiva antes do casamento; não passar debaixo de escadas; colocar uma vassoura virada atrás da porta para espantar uma visita chata etc. Os ditos populares, expressões do conhecimento popular, não ferem a credibilidade do senso comum, pois não é imputado a esse tipo de conhecimento a obrigatoriedade de se verificar a sua validade de maneira sistematizada.

2. CONHECIMENTO RELIGIOSO

O conhecimento religioso talvez seja tão antigo quanto o conhecimento popular. Faz parte da característica humana buscar explicações para suas dúvidas. Por exemplo, ter a noção de que a fumaça indica a presença de fogo na mata admite uma explicação natural. Em outras palavras, se existe fumaça, com certeza há algo queimando.

Entretanto, pode ter havido muitos casos em que o homem antigo deve ter se perguntado sobre o porquê de determinado fenômeno (por exemplo, o que é, e porque ocorre um eclipse lunar) e não tenha conseguido uma explicação natural. Assim, surgia então uma explicação sobrenatural, um mito, que teria a função de tranquilizar o homem, porque esse mito forneceria a explicação necessária para a sua dúvida.

Desde a mais remota antiguidade, o homem percebia que a natureza era regulada por ciclos: o ciclo do dia e da noite, o ciclo das marés (alta e baixa), os ciclos da lua (cheia, minguante, nova e crescente) e o ciclo das estações.

Entretanto, o homem não sabia o porquê desses ciclos. E, muito pior, quando acontecia algo anormal dentro de um ciclo esperado, ou um evento da natureza que ele não tinha como prever (uma inundação, um terremoto, uma erupção de vulcão etc), as explicações para esses acontecimentos inexplicáveis era também inexplicável. Nesse contexto, surgem os deuses, senhores dos acontecimentos, como responsáveis por esses fenômenos naturais. Para haver controle da situação, é preciso angariar a simpatia ou aplacar a ira de um desses deuses com sacrifícios, muitas vezes humanos.

É importante ressaltar que mito e religião não são a mesma coisa, embora todas as religiões tenham os mitos como origem. De modo geral, todas as religiões estão baseadas em homens extraordinários, que, de alguma forma, possuem ligações com o inexplicável, com o sobrenatural, realizando feitos notáveis em nome de Deus ou como um Deus (por exemplo, Buda, Moisés, Davi, Cristo e Maomé).

Pode-se dizer que as religiões são uma evolução dos mitos, que passam pelo crivo da luz do pensamento racional. As religiões diferenciam-se dos mitos por vários fatores. Dois desses fatores são listados aqui: o homem não tem um papel passivo diante do sobrenatural, e as manifestações do inexplicável (mitos) são apenas representações simbólicas, ou metáforas.

Assim, é importante perceber que o mito, em si, não é uma mentira; é antes uma metáfora que tenta explicar a nossa realidade.

Muitas pessoas não sabem ao certo o que é uma metáfora. Se alguém fala que outra pessoa é bondosa como um anjo, isso é uma comparação, e não uma metáfora; metáfora seria dizer: “Tal pessoa é um anjo!”. Quando se toma essa metáfora (que é uma representação simbólica) como fato (verdadeiro e real), começam os problemas de interpretação que já levaram a inúmeras desavenças religiosas ao longo da história da humanidade.

As quatro grandes religiões ocidentais são, em ordem cronológica, da mais antiga para a mais contemporânea, o zoroastrismo, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. O traço comum das grandes religiões ocidentais é, além do monoteísmo, o fato de que Deus fez o mundo, e que Deus e o mundo não são a mesma coisa. A meta das religiões ocidentais é, em suma, criar um relacionamento entre os seres humanos e Deus. Os homens e Deus são diferentes, ou seja, os homens foram criados por Deus.

Nas religiões orientais, em uma visão bem concisa, Deus, o mundo e o homem são a mesma coisa.

Em outras palavras, o mundo e os homens não foram criados por Deus; são apenas diferentes manifestações do mesmo Deus. Nas religiões orientais é muito comum o politeísmo. A meta das religiões orientais é entrar em contato com o transcendental, reconhecendo Deus

em você e reconhecendo o Deus presente no outro (ser humano, animais etc).

A função do conhecimento religioso é, como em qualquer tipo de conhecimento, o de fornecer respostas para nossas perguntas. Neste caso, não são perguntas científicas, mas perguntas relacionadas às nossas dúvidas existenciais, aos nossos anseios, destinos e laços que nos remetem a uma entidade superior.

3. CONHECIMENTO FILOSÓFICO

Os gregos foram os primeiros a criar condições para uma sistematização do conhecimento. Essa sistematização só foi possível devido à separação de classes (homens livres cabeça trabalho intelectual e; escravos mãos trabalho braçal). O comércio (que colocou a Grécia em contato com outros povos além mar) e a moeda (um símbolo aceito como padrão para substituir o escambo) foram alguns dos fatores que alargaram os horizontes dos gregos, permitindo ampliar também os horizontes do pensamento. Os primeiros pensadores gregos, ao tomar contato com estrangeiros, verificavam que eram homens como eles.

Ao perguntarem sobre monstros marítimos e/ou lendários, começaram a perceber que esses não existiam, ou se existiam, não podiam ser comprovados, ganhando assim, o status de lenda.

Essa busca da verdade levou ao questionamento dos mitos. A indagação em busca da verdade levou ao nascimento da filosofia

Ao se estudar a história do nascimento da filosofia, que influenciou todo o pensamento ocidental, é comum dividirmos essa história em duas: antes de Sócrates (os pensadores pré-socráticos) e depois de Sócrates (representados pelo três grandes filósofos: Sócrates, Platão e Aristóteles).

As perguntas que a Filosofia tenta responder são diferentes daquelas que a Ciência consegue responder. Enquanto a Ciência é fortemente baseada em fatos, tentando estabelecer leis e padrões, a Filosofia é especulativa, baseada principalmente na argumentação.

Perguntas como “Porque um corpo cai?” ou “Porque alguém morre?” ou ainda “Como prolongar a vida?” são objetos de estudo da

Ciência. Perguntas como “Existe alma?” ou “Se as almas existem, como se ligam ao corpo” ou ainda “Até que ponto a eutanásia é um procedimento ético” são objetos de estudo da Filosofia.

4. CONHECIMENTO CIENTÍFICO

O conhecimento científico começa a partir do momento em que as explicações saem do campo da opinião (eu acho que) e entram no mundo do método da ciência (eu sei que). O senso comum é um conjunto de informações não sistematizadas, fragmentadas. A partir do momento em que essas informações começam a ser justificadas por meio de argumentos aceitáveis, o senso comum começa a evoluir em direção à ciência. Em outras palavras, o senso comum trabalha com o juízo de valor, com o subjetivo. Assim, não há como determinar se uma opinião é boa ou má, verdadeira ou falsa. O desenvolvimento científico leva esses comportamentos informais a um formalismo, um padrão aceitável pela maioria como verdade.

Assim, a ciência pode ser definida como um conjunto de proposições coerentes, objetivas e desprovidas (até certo ponto) de valorações

O conhecimento científico tem início em problemas que visam solucionar questões práticas ou explicar irregularidades em padrões da natureza. Esses problemas criam teorias que devem ser validadas por um programa investigativo de pesquisa. Tais programas visam determinar leis que explicam e permitem fazer previsões (nem sempre infalíveis).

A ciência é extremamente rigorosa em suas proposições, que, por sua vez, são fortemente baseada em fatos verdadeiros. Surge aqui uma dúvida: o que é a verdade? É aquilo que podemos ver, ou aquilo que podemos comprovar? E como podemos comprovar e saber que algo é verdade? Vamos juntos tentar achar respostas para essa pergunta.

Alexandria era o maior centro cultural e econômico da Antiguidade. Seu maior tesouro era a Biblioteca de Alexandria, fundada no século III a.C. por Ptolomeu I Sóter, e desenvolvida principalmente por seu filho, Ptolomeu II Philadelphus. Acredita-se que a biblioteca tenha reunido mais

de 700 mil rolos de papiros, selecionados por filósofos, matemáticos e pesquisadores de diversas áreas (CHASSOT, 2004).

Qualquer navio que ancorasse em seu porto, era revistado em busca de pergaminhos, papiros ou mapas. Se fossem encontrados, eram confiscados temporariamente, para serem copiados (por artistas chamados copistas), e depois devolvidos. Essas cópias passavam a fazer parte do acervo da biblioteca (SAGAN, 1982).

O nome biblioteca é pouco apropriado para exprimir a grandiosidade dessa instituição. Além de um local para preservar os papiros e pergaminhos, a biblioteca comportava um grande museu e uma academia onde os sábios debatiam suas teses. Havia ainda salas onde médicos faziam dissecações de pessoas e animais, locais com aparelhos para observações astronômicas e jardins, onde se colecionavam plantas e animais exóticos. Todos os profissionais pesquisadores da biblioteca eram profissionais assalariados da corte ptolomaica

O conhecimento científico é basicamente factual (baseado em fatos), mas também pode ser racional e formalizado (caso da Lógica e da Matemática). A ciência factual distingue dois tipos de fatos: os fatos naturais (que deram origem às ciências exatas, biológicas, da terra e da saúde) e os fatos sociais (que deram origem às ciências humanas, tais como a Sociologia, a Antropologia, o Direito, a Economia, a Psicologia, a Educação, a Política etc).

Assim, temos

CONHECIMENTO POPULAR

- Valorativo
- Reflexivo
- Assistemático
- Verificável
- Falível
- Inexato

CONHECIMENTO RELIGIOSO

- Valorativo
- Inspiracional
- Sistemático

- Não verificável
- Infalível
- Exato

CONHECIMENTO FILOSÓFICO

- Valorativo
- Racional
- Sistemático
- Não verificável
- Infalível
- Exato

CONHECIMENTO CIENTÍFICO

- Real (factual)
- Contingente
- Sistemático
- Verificável
- Falível
- Aproximadamente exato

Conhecimento Popular: É valorativo porque é influenciado pelos estados de ânimo e emoções do observador, que impedem uma isenção de opinião sobre o objeto estudado. É reflexivo, porque a familiaridade com o objeto estudado não instiga à formulação de padrões, não permitindo uma formulação geral. É assistemático porque baseia-se em uma organização particular (subjetiva), que depende do sujeito. É verificável, porém apenas em relação ao que pode ser observado, no dia-a-dia, dentro do âmbito do observador, ou seja, a verificabilidade é subjetiva. É falível porque se conforma apenas com o que se vê ou se ouviu falar, não se preocupando em buscar a verdade. É inexato, porque a falibilidade não permite a formulação de hipóteses verificáveis sob o ponto de vista filosófico ou científico.

Conhecimento Religioso: É valorativo porque baseia-se em doutrinas que possuem proposições sagradas (dogmas), que emitem um juízo de valor. É inspiracional, porque é revelada pelo sobrenatural. É sistemático porque os dogmas revelam um conhecimento organizado do mundo (de onde viemos, para qual finalidade e para que destino). É não

verificável, porque não precisa, por depender da fé em um criador divino. É infalível e exato, porque os dogmas (revelações divinas) não podem ser discutidos.

Conhecimento Filosófico: É valorativo porque parte de hipóteses que não podem ser submetidas à observação, ou seja, baseia-se na experiência, na argumentação, mas não na experimentação. É racional por consistir de um conjunto de enunciados logicamente relacionados. É sistemático pelo fato das hipóteses e enunciados buscarem uma representação coerente e geral da realidade estudada. É não verificável porque as hipóteses filosóficas, ao contrário das científicas, não podem ser confirmadas nem refutadas. É infalível e exato porque as hipóteses filosóficas não exigem confirmação experimental e não delimitam o campo de observação, exigindo apenas coerência e lógica, que prescindem da experimentação.

Conhecimento Científico: É factual porque lida com ocorrências e fatos. É contingente porque as hipóteses podem ser validadas ou descartadas por base na experimentação, e não apenas pela razão. É sistemático porque busca a formulação de idéias correlacionadas que abrangem o todo do objeto delimitado para estudo. É verificável a tal ponto que as hipóteses que não forem comprovadas deixam de pertencer ao âmbito da ciência. É falível porque nenhuma verdade é definitiva e absoluta. É aproximadamente exato, porque novas proposições e novas tecnologias podem reformular o conhecimento científico existente.

Bibliografia

CHASSOT, A. **A ciência através dos tempos**. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SANTOS, C. J. G. www.oficinadapesquisa.com.br. **Oficina da Pesquisa**. Disponível em: <[http://www.oficinadapesquisa.com.br/_OS TIPOS_ CONHECIMENTO.PDF](http://www.oficinadapesquisa.com.br/_OS_TIPOS_CONHECIMENTO.PDF)>. Acesso em: 08 março 2012.